



## **PESQUISA**

### **CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET - SEGURANÇA**

#### **RELATÓRIO**

Cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil<sup>1</sup>. Esse número de 2019, certamente deve ter se ampliado com a situação da pandemia da Covid-19 que obrigou o distanciamento social e colocou a internet como a principal alternativa para muitas crianças e adolescentes interagirem, seja para estudos ou outra forma de socialização.

O acesso à internet por crianças e adolescentes é, sem dúvida, importante, mas esconde perigos e problemas para os quais os pais e responsáveis devem estar atentos, supervisionando as atividades dos menores.

Visando conhecer mais sobre como se dá o acesso e se os pais estão atentos ao uso da internet pelos seus filhos, o PROCON-SP, por meio do Núcleo de Inteligência e Pesquisas da Escola de Proteção e Defesa do Consumidor, resolveu investigar o tema, iniciando com uma pesquisa direcionada aos pais.

Objetivos, metodologia e resultados da pesquisa são apresentados a seguir.

---

<sup>1</sup> Comitê Gestor da Internet no Brasil - 2019



## Objetivo

Verificar qual a relação de crianças e adolescentes (6 a 17 anos) com a internet e como os pais estão atentos para esse acesso.

## Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário estruturado, disponibilizado no site e redes sociais do PROCON-SP, no período de 12 a 21/08/20.

## Resultados

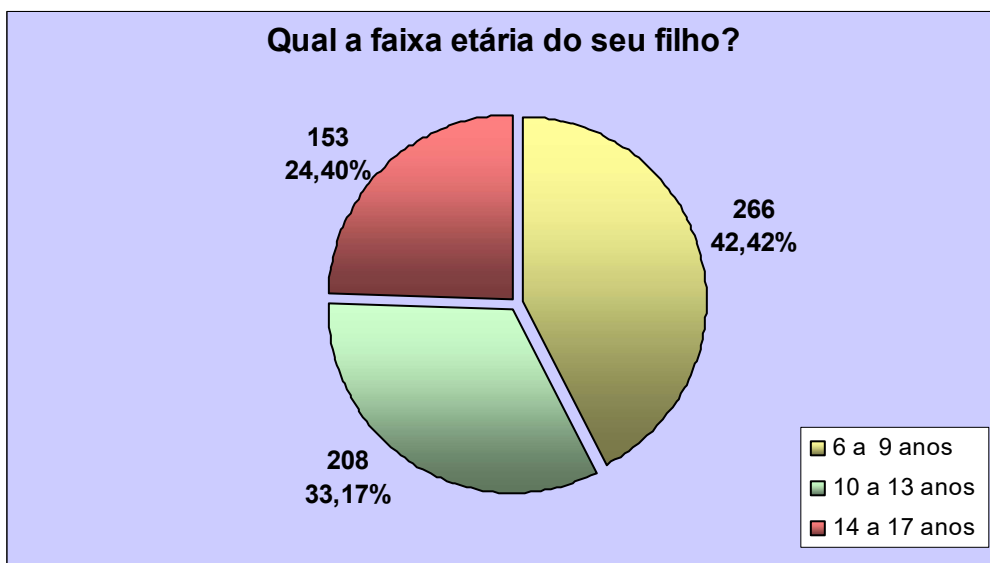
Responderam à pesquisa 1122 consumidores. Destes, a maioria, 55,88% (627) possuem filhos com idade de 6 a 17 anos.



Base: 1122 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

A faixa etária dos filhos dos entrevistados ficou assim distribuída: 42,42% (266) de 6 a 9 anos; 33,17% (208) de 10 a 13 anos e, 24,40% (153) de 14 a 17 anos.

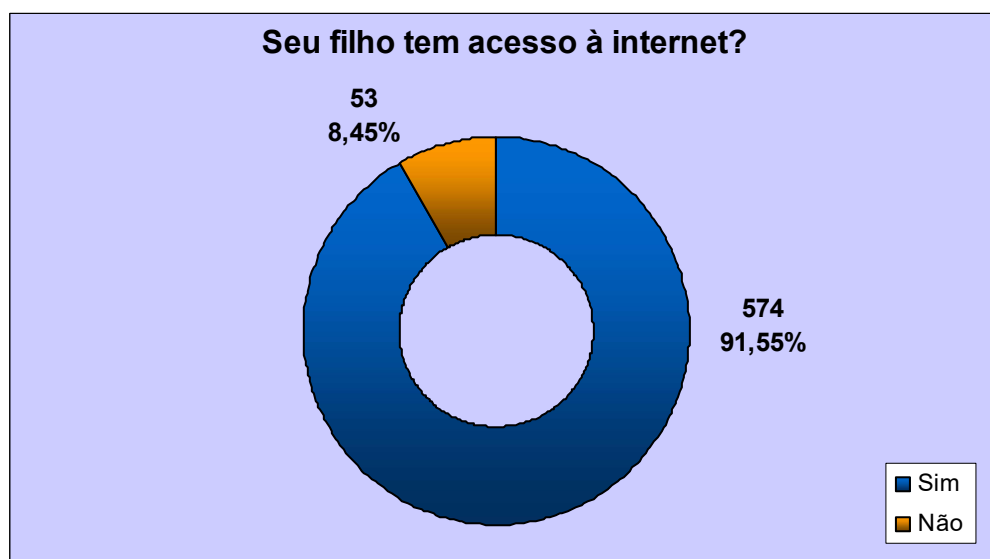


Base: 627 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

O maior percentual entre os entrevistados é de pais com filhos na faixa etária de 6 a 9 anos.

Apenas 8,45% (53) dessas crianças e adolescentes não possuem acesso à internet. Os demais, quase a totalidade, 91,55% (574) possuem acesso.



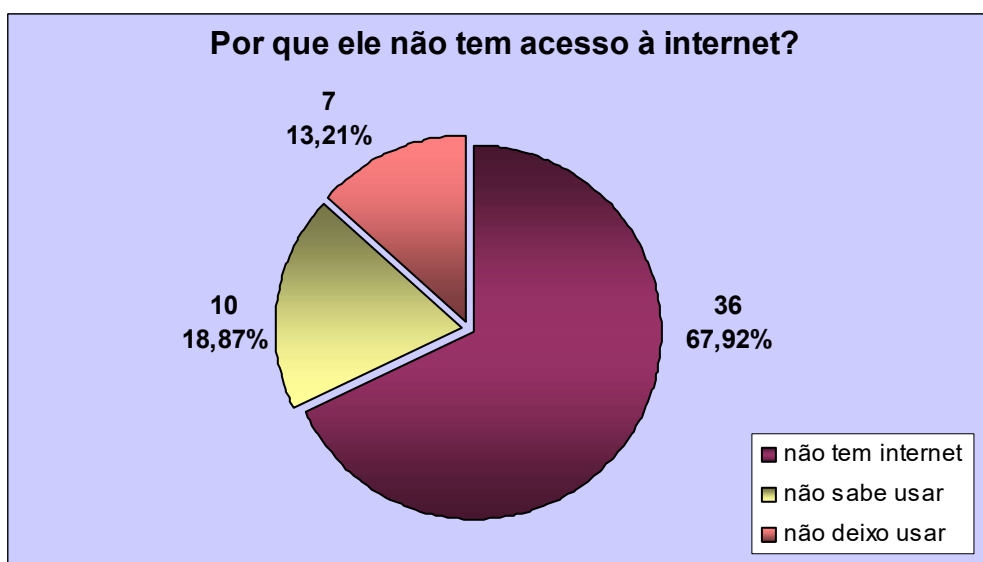
Base: 627 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



O fato de a pesquisa ter sido realizada online pode ter influenciado nesse percentual, uma vez que existe o pressuposto de que quem estiver respondendo é porque tem acesso e conexão à internet. No entanto, a questão se referiu especificamente ao acesso dos filhos. Vemos, portanto, que mesmo os pais acessando a internet, ainda assim 8,45% dos filhos (as) não acessam, ou seja, quase 1 a cada 10 do universo pesquisado.

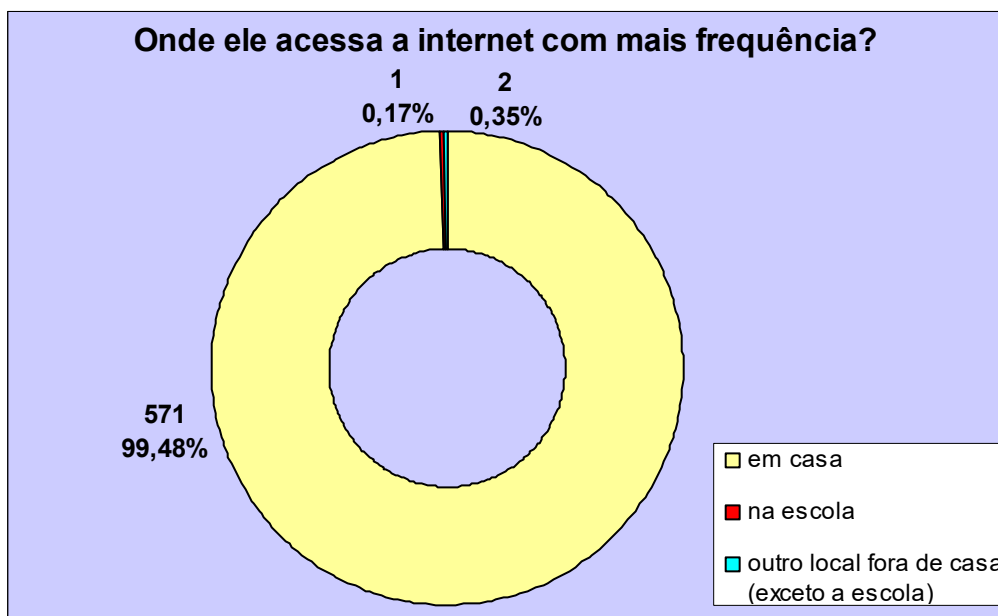
Aos pais cujos filhos não têm acesso à Internet, foi questionado o motivo. A maioria, 67,92% (36) respondeu que seu filho não possui internet; 18,87% (10) afirmaram que o filho não acessa a internet porque não sabe usar e 13,21% (7) não acessam porque os pais não permitem.



Base: 53 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Aos que acessam a Internet, questionamos onde essas crianças e adolescentes acessam com maior frequência. Quase a totalidade, 99,48% (571), acessa em casa.

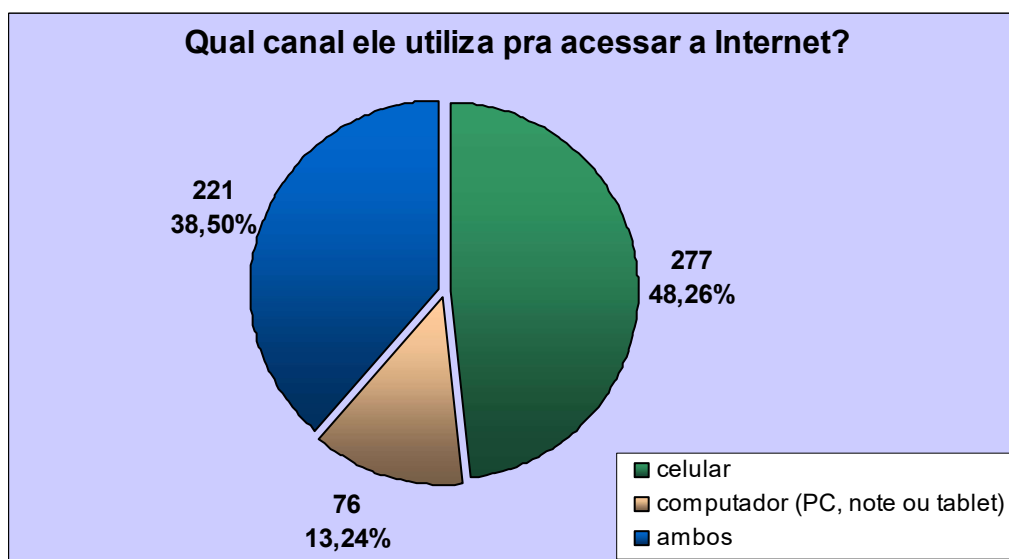


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Considerando que vivemos um momento em que crianças e adolescentes estão com sua mobilidade limitada, o percentual pode ter sido influenciado por essa situação.

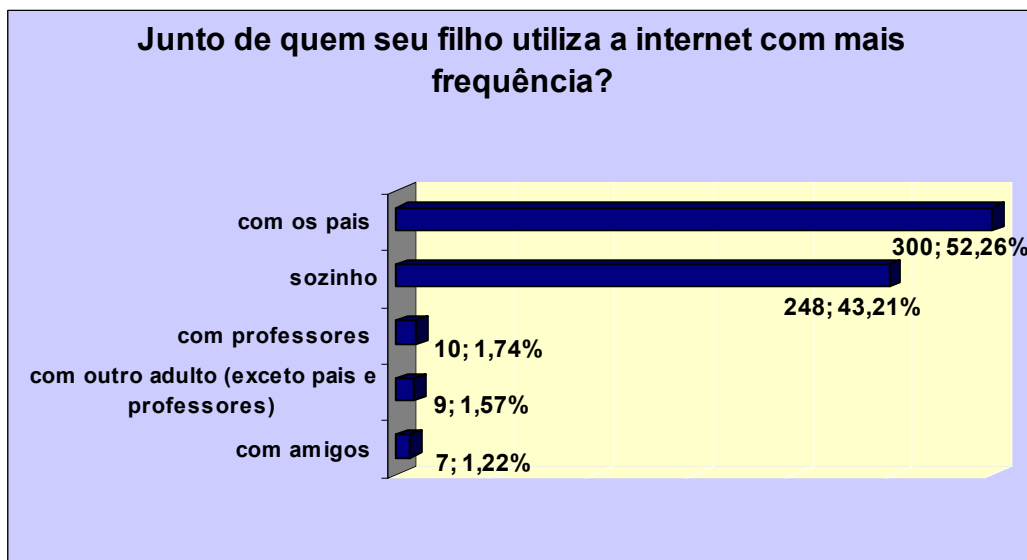
A seguir, questionamos por qual canal essas crianças e jovens acessam a internet. 48,26% (277) acessam pelo celular, 13,24% (76) pelo computador (PC, note ou tablet) e 38,50% (221), acessam por ambos, ou seja, celular e computador.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – NIP

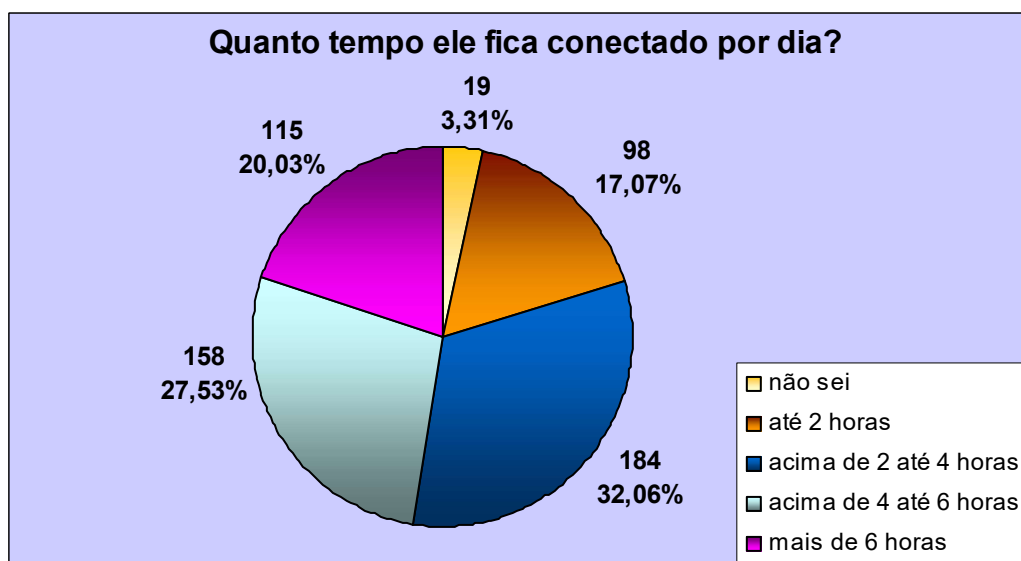
Foi questionado, junto a quem essas crianças e adolescentes acessam com maior frequência a internet. Segundo os entrevistados, a maioria, 52,26% (300) acessa a internet com o acompanhamento dos pais e 43,21% (248) acessam sozinhos.



Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

A seguir, foi questionado sobre o tempo de conexão diária. De acordo com os entrevistados, 32,06% (184) das crianças e adolescentes permanecem conectados mais de 2 até 4 horas por dia; 27,53% (158) se conectam mais de 4 até 6 horas por dia; 20,03% (115) permanecem conectados mais de 6 horas por dia e 17,07% (98) se conectam até 2 horas por dia. 3,31% (19) dos pais afirmaram não saber quanto tempo seu filho permanece conectado.

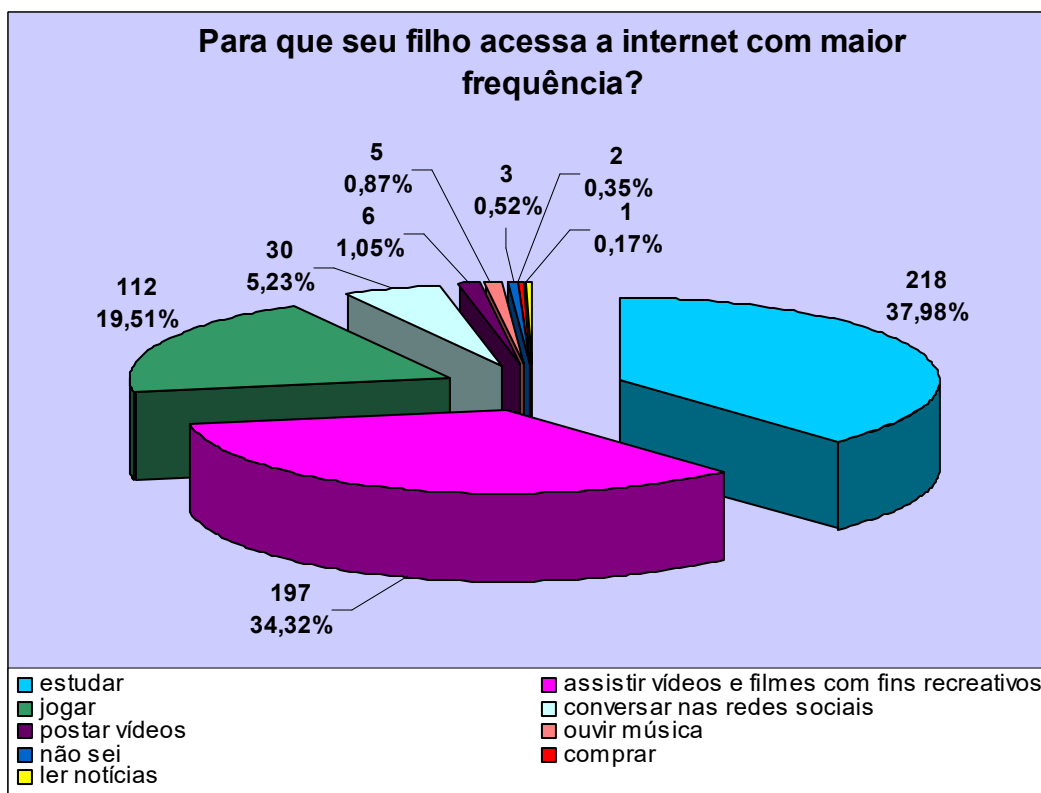


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

O tempo de conexão da maioria é bastante elevado, quase metade fica mais de quatro horas. No entanto, o atual momento, onde muitos estão tendo aulas online, exige mesmo uma maior conexão. O mais preocupante, em termos de segurança, são os pais que não sabem dizer quanto tempo seus filhos ficam conectados, o que indica que não estão atentos, porém esse percentual é pequeno.

Quanto à finalidade da conexão, foi questionado aos entrevistados para quê, com maior frequência, seu filho acessa a internet. O maior percentual, 37,98% (218) é daqueles que acessam para estudar; a seguir, um percentual muito próximo, 34,32% (197), acessa com mais frequência para assistir a vídeos e filmes, com fins recreativos. Na sequência, 19,51% (112) utilizam a internet para jogar e 5,23% (30) para conversar nas redes sociais. A seguir, todas as respostas:

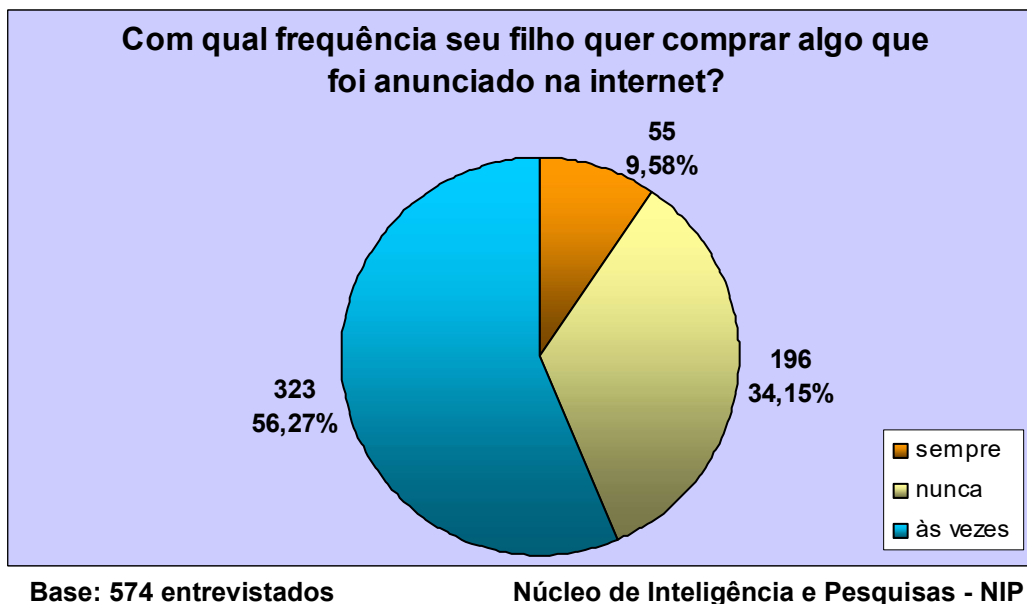


Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Foi perguntado aos entrevistados com qual frequência seu filho manifesta querer comprar algo que foi anunciado na internet.

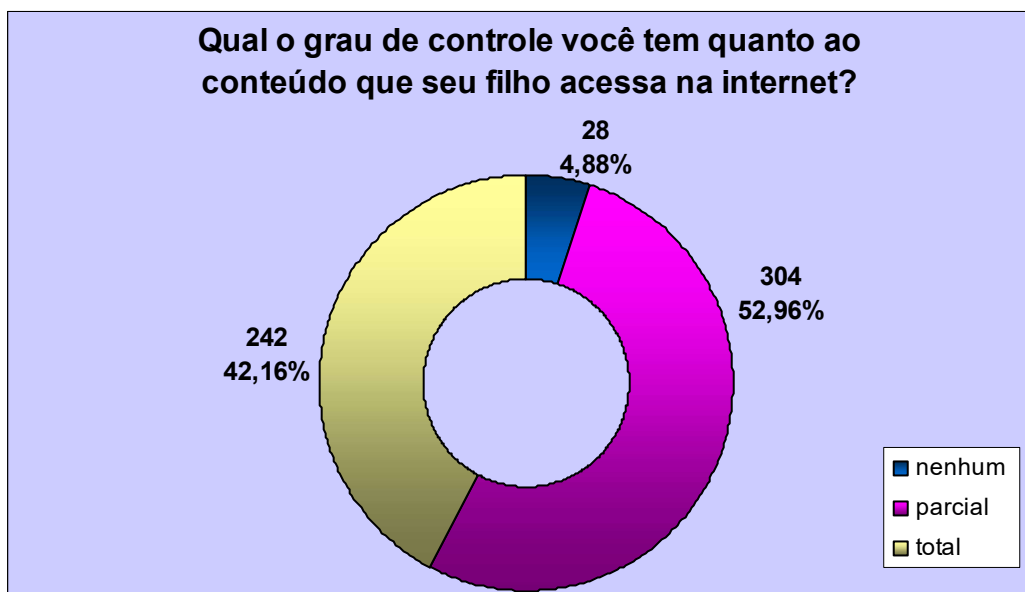
A maioria, 56,27% (323) respondeu que às vezes, 9,58% (55) sempre e 34,15% (196) nunca.



Os anúncios na internet são frequentes e podem ocorrer em qualquer conexão. Ainda que o objetivo do acesso não seja pesquisar algum produto ou serviço para compras, crianças e adolescentes têm contato com os anúncios e são “convidados” a comprar. Os resultados apontam que o contato com a publicidade existe e que há uma efetiva influência no desejo de compras.

Quanto ao conteúdo acessado pelas crianças e adolescentes, questionamos ao entrevistado, qual o grau de controle que considera ter. A maioria, 52,96% (304) afirmou que o controle é parcial; 42,16% (242) consideram que tem o controle total e 4,88% (28) admitiram que não tem controle algum.

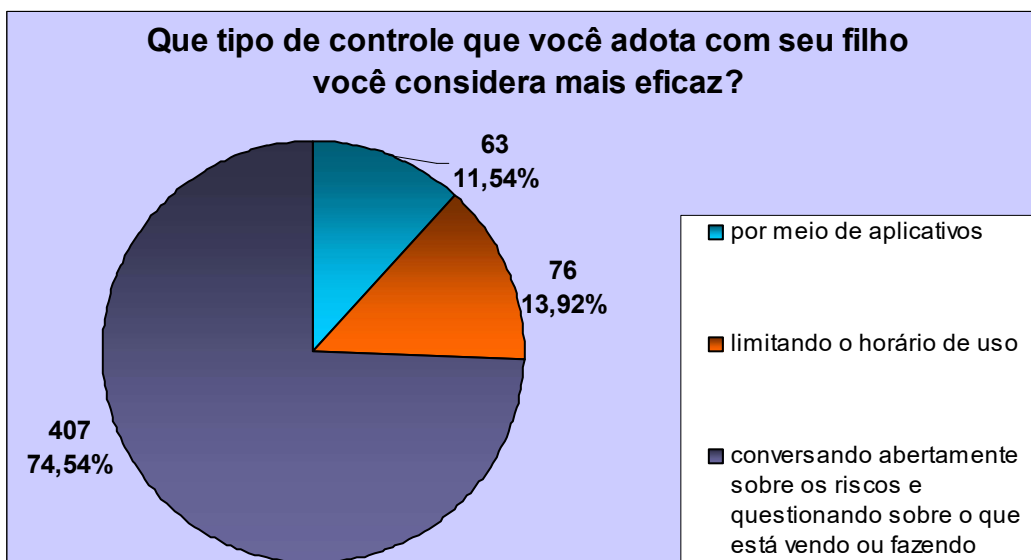




Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Questionamos aos entrevistados, exceto aos que afirmaram que não exercem controle algum sobre os que seus filhos acessam, que tipo de controle adotado consideram mais eficaz. A maioria, 74,54% (407), considera que é conversar abertamente com seu filho sobre os riscos e questioná-lo sobre o que está vendo ou fazendo.



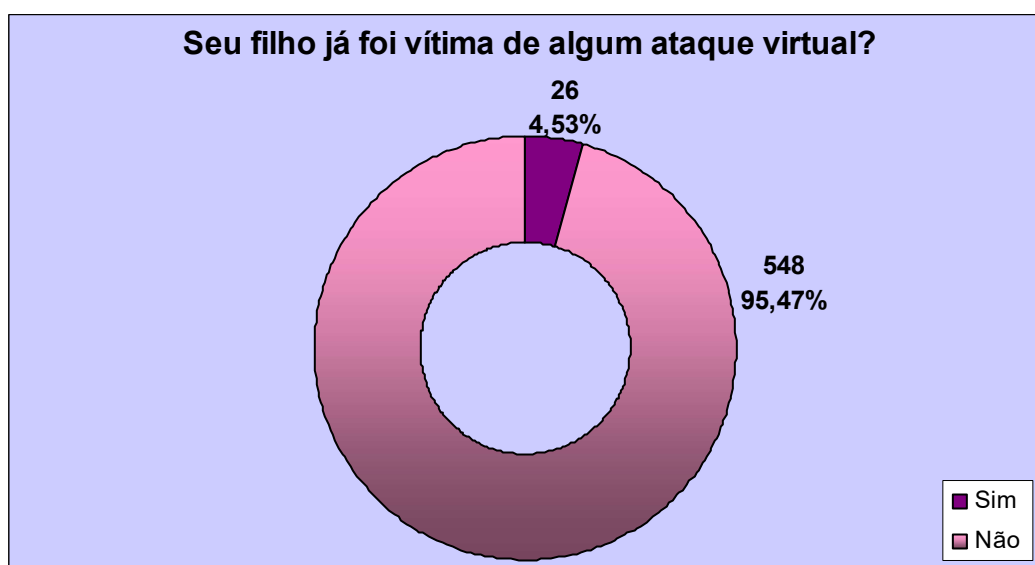
Base: 546 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



O diálogo aberto, com orientações é sempre a melhor forma de prevenção. A utilização de aplicativos específicos que bloqueiam acessos considerados inapropriados, bem como, o limite de horário de uso são formas que auxiliam ao controle, visando à segurança dos usuários.

Quando questionamos aos entrevistados se seu filho já havia sido vítima de algum ataque virtual, quase a totalidade dos entrevistados, 95,47% (548), respondeu que não, mas 4,53% (26) afirmaram que sim.



Base: 574 entrevistados

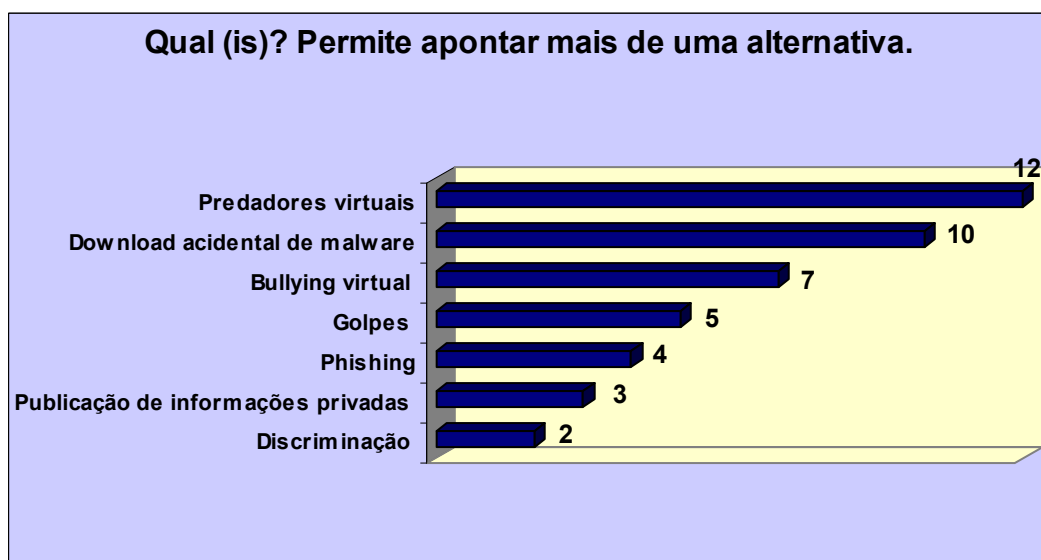
Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

A pergunta foi propositalmente genérica. A quase totalidade respondendo que seu filho não sofreu qualquer ataque virtual pode indicar que de fato isso nunca ocorreu ou, por outro lado, o desconhecimento dos pais, tanto sobre que venha a ser um ataque virtual ou no que de fato ocorreu com seus filhos.

Para aqueles cujos filhos já foram vítimas de algum ataque virtual, questionamos qual (is), permitindo a escolha de mais de uma alternativa. Destacamos os três mais apontados: 12 citaram que seus filhos foram vítimas de predadores virtuais (*pessoas anônimas que navegam na internet para estabelecer relacionamentos online com jovens inexperientes*), 10 de download acidental de malware (*qualquer parte de um software que tenha sido codificada com*

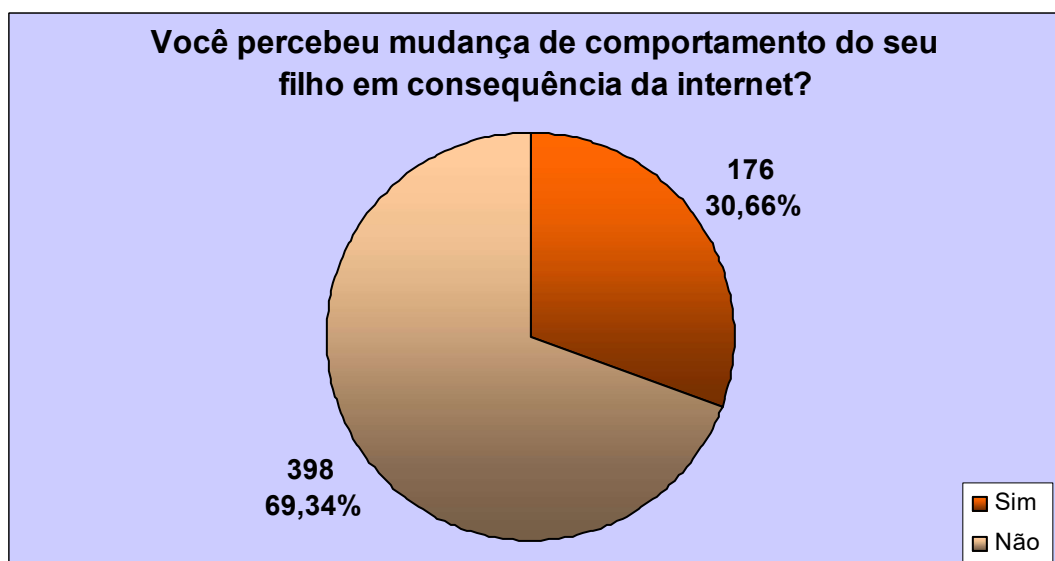


objetivo de danificar dispositivos, roubar dados e causar danos às pessoas), 7 de bullying virtual (uso de mensagens, publicações, chats em redes sociais, SMS para maltratar alguém, geralmente por meio de insultos, ameaças), os demais ataques apontados constam no gráfico abaixo:



Base: 26 entrevistados (43 apontamentos) Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Em relação ao comportamento do filho questionamos se o entrevistado percebeu alguma mudança decorrente da sua relação com a internet. A maioria afirmou que não, 69,34% (398), mas cerca de um terço dos entrevistados, 30,66% (176), afirmou que sim.



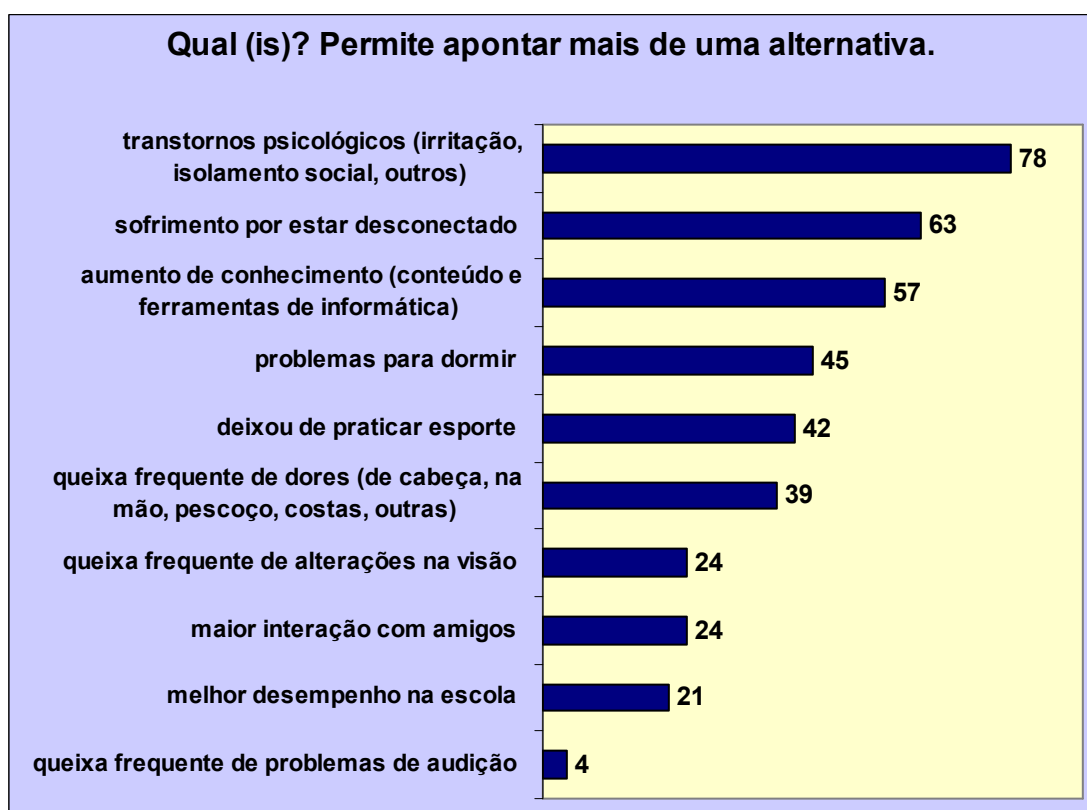
Base: 574 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP



Aos que perceberam mudança de comportamento de seus filhos, decorrente do uso da internet, foi perguntado qual (is) seriam essa (s) mudança (s), permitindo a escolha de uma ou mais alternativas.

As mudanças mais citadas foram: transtornos psicológicos, tais como irritação, isolamento social e outros (78), sofrimento por estar desconectado (63), aumento de conhecimento, tanto de conteúdo como uso de aplicativos e ferramentas de informática (57). Os demais resultados estão no gráfico abaixo:



Base: 176 entrevistados (199 apontamentos) Núcleo de Inteligência e Pesquisas - NIP

Além dos riscos que as crianças e adolescentes estão expostos ao acessarem diversos sites e interagirem com diversas pessoas, as quais os pais devem tomar medidas de prevenção, há também efeitos para os quais os pais também devem estar atentos. Alguns efeitos são positivos e devem ser incentivados, outros, porém, podem causar problemas de saúde, emocionais, entre outros.